Uma Europa unida hoje e no futuro – é a mensagem da cimeira de Roma, por ocasião dos 60 anos da União Europeia

Atentado terrorista junto a Westminster, em Londres – neste programa, analisamos o impacto destes actos de violência sobre os europeus

Também em destaque nesta edição as declarações polémicas do Presidente do Eurogrupo sobre os países endividados do sul da Europa

Bem-vindos ao Magazine Europa,

Os Chefes de Estado e de Governo da União Europeia celebraram no último sábado os 60 anos dos Tratados de Roma. Da cimeira resultou uma declaração que apela à união entre os Estados membros, como nos conta a correspondente da Antena 1 em Bruxelas, Andreia Neves:

RM – Andreia Neves:
"Os Chefes de Estado e de Governo assinaram uma declaração na qual dizem que a Europa está mais forte. Juntos, mais juntos, nas áreas da defesa, segurança e direitos sociais. Para os europeus, mas também para quem procura a Europa como ideal, para quem quer viver na paz que a Europa celebra há 60 anos.
A declaração desta cimeira deixa avisos. É preciso agir. É tempo de mostrar às pessoas que as instituições trabalham para elas, que não se limitam a fóruns de discussão política, que querem garantir-lhes uma casa segura, onde o emprego é uma prioridade, onde a igualdade de género que Portugal quis incluir no texto final é desejada.
E agora que querem fazer mais a 27, discute-se a que velocidade o vão fazer. Na declaração, assume-se que uns possam ir mais depressa que outros, mas desde que todos sigam o mesmo caminho e desde que quem chegue depois não seja excluído."

Por ocasião da cimeira, a capital italiana foi palco de protestos a favor e contra o projecto europeu.

Ao telefone a partir de Bruxelas está o comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional sedeado na capital belga.

Olá, Victor, que avaliação faz desta Declaração de Roma?

RM – Victor Ângelo:

"Eu penso que a cimeira de Roma e a declaração que foi aprovada no final da cimeira são positivas. O aniversário dos 60 anos da União Europeia reforçou, digamos assim, a ideia de unidade e é marcante que todos tenham assinado a declaração. E a declaração vai no sentido de mais integração, ou seja, do aprofundamento da União Europeia; vai também no sentido de velocidades diferentes, mas todos na mesma direcção, o que é importante – não é apenas uma questão de sair a ritmos diferentes; é uma questão de que, apesar de tudo, todos mantêm o mesmo rumo. E, finalmente, combina o cenário '5', que tinha sido apresentado por Jean-Claude Juncker, que era fazer mais juntos, com o cenário '3', em que ele propunha que fizesse mais quem está disposto a fazer mais."

Que União Europeia podemos esperar para os próximos 60 anos?

RM – Victor Ângelo:
"O horizonte que saiu de Roma é um horizonte, sobretudo, para os próximos dez anos. E é um horizonte que põe o acento tónico em quatro grandes áreas: da segurança, da prosperidade, o domínio social e da protecção dos cidadãos em matéria social, e a questão do desempenho internacional da União Europeia. As quatro áreas estão bem definidas. Nós precisamos, de facto, de mostrar aos cidadãos europeus que a segurança interna e as fronteiras exteriores da União funcionam. Precisamos de continuar a insistir no crescimento económico e na prosperidade da Europa como um espaço de bem-estar económico e social – e isto traz-nos também à questão da protecção social. E, por outro lado, é evidente que a Europa tem de desempenhar um papel mais activo na cena internacional."

As eleições em França aproximam-se. A candidata da extrema direita teceu nos últimos dias declarações muito críticas em relação ao futuro da União Europeia – disse que a União será destruída, prometeu um referendo sobre a saída da França do Bloco... A necessidade de união de que os Chefes de Estado e de Governo falaram no último fim-de-semana pode estar em risco com o que se passar em Paris...

RM – Victor Ângelo:
"A verdade é que se Marine Le Pen ganhar as eleições presidenciais, a União Europeia terá pela frente um período muito difícil e, provavelmente, Marine Le Pen fará tudo o que lhe for possível para destruir a unidade entre os países europeus. A União Europeia poderá estar profundamente ameaçada com a eleição de Marine Le Pen. E, por isso, neste momento, em termos de preocupações na

Europa, evitar que a candidata da Frente Nacional seja eleita em França é a prioridade absoluta. Marine Le Pen representa não só uma ideia retrógrada do que são as nações europeias, mas representa também a extrema direita, o fascismo, o regresso, digamos assim, àquilo que foi a Europa entre as duas grandes guerras, ou seja, sobretudo a Europa dos anos 30, a Europa dos fascismos, dos nacionalismos e das lutas entre os diferentes povos europeus."

Neste momento, parece-lhe que as hipótese de Marine Le Pen se tornar presidente têm aumentado ou diminuído?

RM – Victor Ângelo:
"Eu creio que seria um erro pensar que Marine Le Pen não pode ganhar as eleições. Neste momento, Marine Le Pen apresenta-se ao eleitorado francês com uma cara lavada. Ela não quer de modo algum que se diga que ela é fascista, não quer de modo algum que se diga que ela é da extrema direita, e, em certa medida, tem conseguido apresentar-se como um candidato da normalidade. Quando na realidade Marine Le Pen não é, de modo algum, um candidato como os outros. Marine Le Pen é um candidato perigoso. É um candidato que significaria não só o fim da Europa, mas o fim da paz tal como a conhecemos nos últimos 70 anos, e significaria acima de tudo o regresso aos nacionalismos extremos e à Europa fechada, uma Europa que, neste momento, estaria em contradição com o liberalismo económico e as trocas internacionais que caracterizam a riqueza da Europa."

A Europa voltou a ser palco de actos terroristas nos últimos dias: precisamente um ano depois dos atentados em Bruxelas, um ataque em Londres que provocou cinco mortos e cerca de 40 feridos.

Um homem, britânico, de 52 anos, usou um carro na ponte de Wesminster para tentar atropelar quem por lá passava. Depois, bateu contra na vedação do edifício do parlamento britânico, saiu do carro e matou um polícia com uma faca, antes de ter sido abatido por outro agente.

O autoproclamado Estado Islâmico alegou que o atacante, Khalid Masood, era um dos seus soldados.

Os londrinos saíram à rua no dia seguinte ao atentado para uma vigília em homenagem às vítimas, e muitos juntaram-se para ajudar a família do polícia esfaqueado. É o que nos conta o jornalista da Antena 1, Nuno Carvalho:

RM – Nuno Carvalho:
"Uma fila de velas acesas de um lado ao outro da ponte de Westminster lembra, esta noite, as vítimas do atentado.
Os mortos e feridos foram homenageados ao final do dia numa sessão pública em Trafalgar Square, que juntou muitas centenas de pessoas. Durante o resto da noite, muitas centenas mais têm passado pela praça, em vigília, com velas e com cartazes contra o terrorismo, incluindo muitos elementos da comunidade muçulmana de Londres.
Em Birmingham, a principal mesquita da cidade, uma das mais importantes do país, emitiu um comunicado a condenar o ataque bárbaro e impiedoso. E uma organização de muçulmanos está a convocar uma vigília pela paz para amanhã em Birmingham.
Em poucas horas, o público britânico já doou mais de 380.000 euros à família do agente que morreu esfaqueado, na conta aberta pela associação da polícia."

Também na passada quinta-feira, em Antuérpia, na Bélgica, um carro entrou a alta velocidade na principal rua pedonal da cidade. O suspeito, de 39 anos, transportava várias armas no veículo e acabou por ser detido após uma perseguição policial. A alegada tentativa de ataque não provocou quaisquer vítimas.

Dias antes, em França, no aeroporto de Orly, um homem tentou atacar militares encarregues da vigilância no local. Acabou por ser abatido pelas autoridades.

Victor, que impacto têm tido estas acções de violência junto dos europeus?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que continuamos a ter uma Europa relativamente serena. Ou seja, apesar do que aconteceu nos últimos dias em Londres e da tentativa que aconteceu em Antuérpia, na Bélgica, a verdade é que os cidadãos europeus encaram o terrorismo com alguma serenidade. Não se vive um clima de pânico, antes pelo contrário. Alimentar o pânico seria dar uma vitória às organizações terroristas. Penso também que a resposta das autoridades policiais e dos sistemas de informação e de protecção dos Estados está a ser muito mais eficaz. Neste momento, as polícias estão a funcionar muito melhor em relação à prevenção do terrorismo e esse é um dos pontos que as pessoas entendem. E, por isso, em certa medida, o receio, o medo, é muito pontual. Só há receio, só há medo, quando estamos em cima do acontecimento, mas, na realidade, passado o acontecimento, as pessoas voltam à sua vida normal e, de facto, essa é a melhor

resposta à questão do terrorismo. Também é verdade que um acto como o acto de Londres, que demorou 82 segundos a ser realizado, foi depois transmitido nas televisões e noutros meios de comunicação social durante 48 horas. Houve uma amplificação enorme de um incidente terrorista, [um incidente de] *low cost* terrorismo, como se costuma agora dizer. Ora, isso é favorecer, digamos assim, o aparecimento de novos lobos solitários."

Os Estados Unidos e o Reino Unido proibiram o uso de tablets e laptops em voos de determinadas companhias aéreas que partam de países maioritariamente muçulmanos. Como avalia esta medida?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que a medida tomada pelos Estados Unidos, e imitada pelos britânicos, é excessiva. Não há, neste momento, justificação para que as pessoas não possam levar na cabine os seus computadores, as suas tabletes, ou até mesmo as suas máquinas fotográficas. Os sistemas de controlo que existem nos aeroportos são suficientemente perfeitos, são suficientemente sofisticados para verificar se estas máquinas, se estes aparelhos têm algum problema ou não. Nós não podemos sucumbir naquela mentalidade do 'todo-securitário', quer dizer, que tudo tem de ser subordinado a medidas de segurança. Porque se chegarmos a situação dessas, em breve não se pode viajar, ou então tem de se viajar em fato-de-banho."

O Governo britânico lamentou que os serviços secretos britânicos não possam ter acesso às mensagens de Watsapp do alegado terrorista. É de esperar mudanças na Europa ao nível do acesso à informação privada dos cidadãos, como forma de, alegadamente, os proteger melhor?

RM – Victor Ângelo:
"Em certa medida, há uma pressão enorme da parte das polícias e, por isso, também da parte dos políticos no que diz respeito ao acesso às comunicações privadas dos cidadãos. E este clima que se procura alimentar e que a comunicação social tem contribuído para amplificar, é favorável, digamos assim, a todo o tipo de intromissão na vida privada dos cidadãos e, nomeadamente, nas suas comunicações. Eu penso que há que evitar os exageros. Qualquer tipo de exagero é, ao fim e ao cabo, uma vitória para as organizações terroristas."

O Presidente do Eurogrupo, Jeroen Dijsselbloem, está no centro da polémica depois de ter afirmado a um jornal alemão que os países do sul da Europa não podem "gastar o dinheiro todo em álcool e em mulheres" e depois ir pedir ajuda.

Portugal já pediu o afastamento de Dijsselbloem, como nos conta o jornalista Pedro Galinha, da Rádio Macau:

RM – Pedro Galinha:
"Não posso gastar todo o meu dinheiro em alcool e mulheres e depois ir-vos pedir ajuda."
Foram estas as palavras que geraram uma onda de críticas.
Jeroen Dijsselbloem foi eleito Presidente do Eurogrupo em 2013. Na altura, o também ministro das Finanças da Holanda substituiu no cargo Jean-Claude Juncker, o actual Presidente da Comissão Europeia.
Composto por ministros dos Estados Membros que pertencem à Zona Euro, o Eurogrupo é um órgão informal que se reúne geralmente uma vez por mês e tem como principal tarefa assegurar a coordenação das políticas económicas entre os países da zona euro.
O Presidente é eleito por dois anos e meio. Entre as principais funções estão presidir às reuniões do grupo, divulgar os resultados das discussões e representar o Eurogrupo junto de instâncias internacionais.
As palavras de Dijsselbloem foram consideradas por muitos como sendo racistas ou xenófobas e opondo o norte da Europa ao sul, mas o ministro holandês das Finanças garantiu depois que foi mal interpretado. Portugal não hesitou em pedir a demissão do responsável."

Victor, estas declarações apontam para um certo mal-estrar entre o Norte e o Sul da Europa. São tensões profundas ou nem tanto assim?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que as declarações de Dijsselbloem foram declarações absolutamente inaceitáveis. Não são apenas declarações infelizes; são declarações que não podem de modo algum ser aceites. E não podem ser aceites porque, por um lado, fazem renascer velhos preconceitos – e nós sabemos que a Europa viveu séculos de estereótipos e preconceitos, e isso levou a conflitos entre os povos europeus – e, por outro lado, aquilo que Dijsselbloem disse vem alimentar as divisões na Europa, vem dar armas aos populistas, vem frisar novamente a ideia que temos uma Europa de ricos e uma

Europa de pedintes, uma Europa de vencedores e uma Europa de desgraçados, e não é essa, de maneira nenhuma, a imagem que a Europa deve projectar, nem é essa a realidade. A realidade é muito mais diversa e há gente muito trabalhadora em toda a parte da Europa. E há também gente extremamente inovadora e muito avançada em muitos cantos da Europa.

Recentemente, houve um eurodeputado que teceu comentários inaceitáveis sobre as mulheres e acabou por ser suspenso. O que deverá acontecer a Jeroen Dijsselbloem?

RM – Victor Ângelo:
"A situação é diferente. O eurodeputado polaco que fez as declarações absolutamente parvas sobre os homens e as mulheres é um indivíduo com um poder muito pequeno, um indivíduo absolutamente marginal na vida política europeia; enquanto que Dijsselbloem é um homem que pesa na política europeia. Ele é o Presidente do Eurogrupo. O Eurogrupo reúne todos os países membros da Zona Euro; é o grupo que faz a coordenação das políticas económicas e financeiras; e o presidente desse grupo é uma pessoa influente na política europeia. O que poderá acontecer, e o que virá certamente a acontecer, é que Dijsselbloem não continuará à frente do Eurogrupo. Por um lado, porque o seu partido foi derrotado nas eleições que acabaram de ter lugar na Holanda, mas também pelo facto de que os países europeus têm que mostrar claramente que não aceitam um presidente do Eurogrupo que faz declarações que não são declarações bem pensadas e equilibradas."

Quem está melhor posicionado para vir a substituí-lo?

RM – Victor Ângelo:
"A substituição de Dijsselbloem é uma questão complicada, na medida em que ele é, neste momento, um dos únicos dirigentes europeus que vem da família socialista – por isso, seria necessário encontrar alguém que viesse da família socialista, numa altura em que os socialistas e os sociais-democratas dos diferentes países europeus estão na mó de baixo, numa altura em que, na maioria dos países europeus, os partidos socialistas não estão no poder. Fala-se num candidato vindo de Espanha, que é o ministro da Economia, Luis de Guindos. É um bom ministro da Economia, já tinha concorrido à presidência do Eurogrupo; simplesmente, Luis de Guindos vem da mesma família de Juncker, de Donald Tusk, etc., ou seja, viria reforçar o peso do centro-direita na política europeia. E, neste momento, mais do que reforçar o peso do centro-direita na política

europeia, é fundamental fazer algum equilíbrio político e encontrar alguém que venha do lado da esquerda, do centro-esquerda. Neste momento, não há ainda nenhum nome em cima da mesa. Tudo dependerá um pouco do que vai acontecer nas eleições em França e na Alemanha. Provavelmente, até que haja uma clarificação das eleições na Alemanha, não haverá mudanças ao nível do Eurogrupo."

Ainda a semana passada falávamos aqui na necessidade de melhorar a credibilidade das instituições europeias... Este foi um golpe no caminho para esse objectivo?

RM – Victor Ângelo:
"Este foi sobretudo um problema para o senhor Dijsselbloem. As declarações feitas ficaram muito associadas à sua pessoa. E eu penso que é nesse sentido que se deve falar do assunto. Ou seja, tentar evitar fazer um relacionamento entre as declarações de Dijsselbloem e a credibilidade das instituições europeias. Eu penso que o Eurogrupo continua a ser uma instituição informal, mas uma instituição de peso, uma instituição influente, que tem funcionado razoavelmente bem; que apesar das dificuldades e das contradições conseguiu resolver o problema da Irlanda, conseguiu resolver o problema dos resgates em Portugal; deu ajuda ao sistema bancário em Espanha; e, por outro lado, tem feito o acompanhamento da crise grega com algumas dificuldades, mas que provêm do facto de a crise grega ser uma crise muito profunda."

De acordo com os mais recentes dados da OCDE sobre o consumo de álcool no mundo, é na Lituânia que mais se bebe bebidas alcoólicas. Seguem-se a Rússia, a Bélgcia, a Áustria e a República Checa. Portugal surge na 16ª posição.

O consumo de álcool é definido como as vendas anuais de álcool puro em litros por pessoa com 15 anos ou idade superior.

Segundo os dados da OCDE, em Portugal e Espanha consome-se menos álcool do que, por exemplo, na França ou na Alemanha. Já o consumo de Álcool em Itália, outro país do sul da Europa, fica atrás de países como a Holanda.

Até para a semana!

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Sofia Jesus, a análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do Projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões expressas neste magazine não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.